



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 2 - 2ª Série JUNHO - JULHO DE 1963

Preço: \$50

REVISÃO DOS PREÇOS COM AUMENTO DE SALÁRIOS

Por todo o país a fome campeia. A vida torna-se difícil em extremo porque o seu custo é cada vez maior. As dificuldades da população vêm do facto de se continuar a ganhar os mesmos salários e ordenados de há muitos anos enquanto os preços dos generos não param de aumentar e porque os impostos directos ou indirectos lhes caiem em cima diminuindo ainda mais o poder de compra.

É esta a razão porque se ouve protestar contra o preço de alguns produtos agrícolas e pecuários: o povo não tem dinheiro para os comprar. E não compra, abstem-se de beber leite, de comer ovos, carne, galinhas e fruta, tenta substituir as batatas por arroz ou feijão, refugia-se progressivamente no caldo, no pão, nas azeitonas e numas sardinhitas ou numas postas de bacalhau que quase só têm peles e espinhas...

Os agricultores pelo seu lado têm visto também a diminuição do seu poder de compra, a redução das suas vendas, a desvalorização das suas terras ou o aumento da renda e vivem horas de aflição em que perguntam cada vez mais: "o que vai ser de nós? Quando é que isto

muda?" E enquanto não muda vão matando o gado, (cont. na pag. 2)

A GRAVE CRISE DO VITICULTOR

Estamos próximo de uma nova colheita e verifica-se que o vinho se mantém nas adegas dos camponeses porque até pelo barato não há compradores, mesmo que o dono dos vinhos quizesse vender algum para arranjar dinheiro para pagamento de coisas que mais necessita comprar. Um colega meu, que tem em stock cerca de 30 pipas de vinho da sua produção, viu-se obrigado a contrair um empréstimo de 12 contos a juros elevadíssimos e adiantados para dar cumprimento a compromissos de dívidas que tinha contraído no cultivo das suas vinhas que lhe deram este vinho.

Outros camponeses conhecem que esperavam vender o seu vinho da sua (cont. na pag. 6)

semeando menos, vendendo terras, hipotecando casas, emigrando..

Por nossa parte, lavradores, precisamos que o produto das nossas terras e do nosso trabalho seja melhor pago. Mas isso vai encarecer ainda mais as batatas, o vinho, os ovos, a carne, o leite, etc, que o povo já quase não come. E nós não pretendemos prejudicar o povo a que pertencemos e no qual nos integramos na defesa dos interesses gerais da nação. Então como fazer? Devemos continuar a exigir o respeito pelo nosso trabalho, aliando-nos ao mesmo tempo à exigência dos trabalhadores industriais e outros de aumento dos seus salários e vencimentos. Não é o leite, pago pelo seu justo valor, que é caro - é o operário que não ganha o suficiente para poder pagar o leite pelo seu preço justo.

Pensamos, pois, que nesta luta não devemos combatermo-nos mas aliarmo-nos. Agricultores e trabalhadores devem unir-se na reivindicação que satisfaz ambas as partes: aumento dos preços dos produtos agrícolas e pecuários até ao seu justo valor com aumento geral dos salários e vencimentos para fazer face à revalorização dos produtos.

Reclamemos unidos a satisfação das nossas reivindicações!

Façamos reuniões de agricultores para aprovar as exposições que devemos mandar ao governo exigindo que se faça justiça à desprezada lavoura do Norte sem que sejam os operários a suportar as consequências.

P E R G U N T A S

Camponês, rendeiro, sabias - que há ricos que têm propriedades do tamanho da tua freguesia, do teu concelho e até do tamanho do teu distrito? E sabias que muitas dessas propriedades se encontram por cultivar? E sabias que há nações que obrigam os donos das grandes propriedades (os latifundiários) a cultivá-las? E se não fizerem caso, sabias que lhas tiram para dividirem pelos que não têm nenhuma ou pelos que as que têm não chegam para o seu sustento?

RÁDIO PORTUGAL LIVRE



EMISSORA AO SERVIÇO DO POVO,
DA DEMOCRACIA E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Todos os dias das 20 às 20,30
e das 22,15 às 22,45 em 32 m.
e das 0,30 às 0,50 em 25, 40
e 41 m.

A maneira como é negociada e conduzida a exploração da resina do pinheiro agrava a já crítica situação do proprietário rural. Este camponês tem pela frente uma orgânica que muito o prejudica, isto é, o comportamento das companhias resiníferas e da sua rede de angariadores comissários, espalhados pelos lugares da produção, tem mais carácter de vigarice que de honestidade. Além das diferenças de preços por que é paga cada sangria e durante a mesma época de exploração - diferenças da ordem de 12\$00, ou seja: nuns lados são pagas a 7\$50 e noutros chegam a atingir 20\$00, diferença que nunca pode ser justificada pelos transportes da origem às fábricas destiladoras - além disto, acontece que em certos anos alguns proprietários dos pinhais têm ficado sem receber o dinheiro do aluguer destes. Outras vezes, e isto acontece em grande número de casos, o proprietário recebe só parte do dinheiro combinado, e mesmo essa parte é só paga tarde e a más horas, isto é, muitas muitas vezes passado mais de um ano. Assim está a acontecer com a exploração resinosa de 1962: estamos em 1963 e muitos proprietários ainda não receberam "um tostão", outros receberam só uma pequena percentagem por conta. E tudo isto se passa sem que as companhias resiníferas, que têm o monopólio deste negócio nas mãos, sejam responsabilizadas por tal situação.

Um grupo de proprietários das Beiras agrupou-se para pedir ao governo a permissão de fundar - por meio de uma cooperativa - uma fábrica de destilação para nela tratarem a resina dos seus pinhais, mas o governo negou-lhes autorização. Porquê?

As companhias resiníferas aliadas e acobertadas pela governança da Nação, actuam de uma maneira infame e com toda a tranquilidade. Se o negócio algum ano lhes corre um pouco diferente do costume, isto é, se não ganham os milhares de contos como no ano passado, ou mais ainda, o proprietário é que tem de sofrer. Este não tem direito a melhorar a sua vida, não obstante a situação precaríssima em que se encontra. Todavia, aqueles empregados superiores das companhias resiníferas que chegam a ganhar 12 contos por mês, recebendo ainda ao fim de cada ano, centenas de contos de gratificação, estes, não podem sacrificar, um pouco que seja, o seu ganho. Como é que se compreende que existam pessoas com estes proventos em funções relacionadas com a indústria de produtos agrícolas quando os camponeses, que criaram esses produtos, vivem uma vida de mil e uma dificuldades? Onde está a justiça desse sucedido perante uma vida de sacrifício do camponês? O que há, isso sim é um desinteresse total dos go-

vernantes, pelo martirizado camponês. Este está sujeito a toda a espécie de explorações porque os próprios governantes são os principais colaboradores desse bando de sugadores que actua sobre o corpo sacrificado do camponês.

Camponeses, se tivésseis um governo que fosse vosso amigo, que se interessasse por vós, etc. não permitia uma coisa dessas, defenderia os vossos interesses porque bem o mereceis. Camponeses, a modalidade de negócio a que estais sujeitos ao arrendades os vossos pinhais para a exploração de resina é uma perfeita vigarice, não toleréis mais este estado de coisas... uni-vos e uns com os outros protestai por todos os meios perante essa roubalheira.

A EMIGRAÇÃO É OBRA DUM GOVERNO ANTI-POPULAR

Os De lés a lés de Portugal, todos os anos emigram para o estrangeiro dezenas de milhares de pessoas. Com facilidade vamos encontrar aldeias de certas regiões que se têm despovoado devido à emigração. Conheço uma aldeia que há coisa de trinta anos tinha cerca de cento e vinte fogos, hoje, anda por volta de setenta fogos. São mais as casas que se encontram fechadas ou a palheiros, com aspecto decadente, que aquelas que são habitadas. Quem viveu a vida daquela aldeia naqueles tempos e observa a vida que hoje tem, não pode deixar de sofrer uma grave sensação de tristeza: são os campos a ficarem por cultivar, são as casas deshabitadas e a arruinar-se, são as ruas sem movimento, etc. Os próprios domingos são mortos, desapareceram aqueles divertimentos organizados pela rapaziada e pelos próprios homens já casados. E se por um lado a diminuição da população de um dado lugar parece à primeira vista não puder justificar o desaparecimento de tais divertimentos, por outro lado, e neste caso, deve precisamente aí a sua origem: é que a emigração é feita precisamente pelos jovens levados pelo exemplo dos recém-casados. Estes, após dois ou três anos de casados, e perante uma vida de miséria, são forçados a procurar noutras terras a possibilidade de encontrar o pão que nas suas terras não encontraram. Por consequência, triste sorte a de um povo quando está sujeito a situações destas...

→ Conheço esses emigrantes, sei que são trabalhadores, sei com que vontade, e vaidade até, eles, após o casamento, se dedicam a cultivar as terras que alugam, ou em alguns casos as têm de seu. Mas lutaram um ano, lutaram dois, lutaram três etc, e verificam que não têm possibilidades de se defenderem, de poderem suportar mais. Enquanto solteiros, embora mal,

lá se iam defendendo como podiam,mas com os encargos que-
trás a fundação de um lar,era-lhe impossível poder supor-
tar tál situação por mais tempo,Teimar,é morrer aos poucos
juntamente com os seus,é continuar a viver uma vida que é
uma verdadeira vergonha que isso aconteça no século XX.

As pessoas emigram devido a muita coisa,mas,fundamental-
mente,a emigração dá-se devido ás dificuldades económicas
que encontra a maioria do povo português,principalmente o
rural.

Noutra aldeia minha conhecida,era fácil encontrar campo-
neses que cultivavam nas suas proprias propriedades de vinha
a sessenta pipas de vinho,estes camponeses,devido ao seu
esforço e equilibrio nos gastos conseguiam ter já um melhor
nível de vida,embora muito àquem de necessário.Aconteceque
devido às colheitas terem sido esta gadas,quase na totali-
dade,dois anos seguidos pelas trovoadas e mildios,e como
não recebessem nenhuns socorros do governo para cobrir,mes-
mo a criação,por parte do governo,de empréstimos favorá-
veis,acontece que a maior parte destes camponeses viram-se
forçados a emigrar.

Não há dúvida nenhuma que a emigração do povo português
para o estrangeiro tem como origem coisas terríveis,(quer
na parte do económico,quer,mesmo,na parte moral.)

A emigração dá-se porque o camponês luta,luta e não
tem uma razoável compensação.

(A emigração é fruto do desespero do camponês.)

A emigração é fruto do quadro de fome que se depara
aos olhos do camponês e do trabalhador rural,etc.

A emigração tem lugar porque o latifundiário da casa
das Brolhas de Lamego deixou as vinhas por cultivar só por
que os trabalhadores lhe pediam um aumento de um escudo ao
salário de miséria que já tinham -dezassete escudos"secos",
trabalhando de sol a sol.Todavia,este latifundiário,embo-
ra não seja dos maiores,gastou nesse mesmo ano,com a fami-
lia na praia,dezenas de contos.

A emigração dá-se porque outro latifundiário,António
Silveira,de Armamar,não tinha dinheiro para melhorar as
suas propriedades e dar melhores salários aos trabalhado-
res que lhe cultivavam as terras,mas teve dinheiro para
jogar e perder numa só noite tresentos e cinquenta contos
num Casino do país.

A emigração dá-se porque os ricos não têm o gesto huma-
no de pagar o justo aos seus servidores para que estes po-
sam ter o indispensável para manter a familia.Todavia,es-
ses milionários gastam fortunas na manutenção de amantes,

(cont.na pág. 6)

produção para pagamento das mesmas dívidas, das décimas, das licenças, das batatas de semente que este ano correram tão caras, etc., pois da mesma maneira continuam com o vinho na adega por falta de comprador e, por consequência, obrigados também a contrair dívidas. Quer dizer, uns anos por um motivo, outros anos por outros, o que é certo é que o camponês continua a viver numa situação aflitíssima.

Quando há uns três anos a França veio comprar vinho ao nosso país e o pagou por um elevado preço, o camponês pouco ou nada lucrou com isso. Quer dizer, como temos um governo ao serviço dos monopolistas, sucedeu que meia dúzia de comereciantes grossistas de vinhos, ao serem postos ao corrente do negócio que se estava a realizar entre o governo francês e o português, trataram de comprar rapidamente a quantidade de vinhos que se negociava antes que o produtor soubesse do que se passava. Os vinhos foram deste modo comprados ao preço corrente que nesse ano também era baixo. Assim, mesmo quando há vendas para o estrangeiro sucede que quase nunca o camponês lucra com a melhoria do preço.

Camponês produtor de vinho, os testemunhos de há trinta e tal anos chegam e sobram para ajuizares do interesse que tem por nós o governo que nos dirige pela força há outros tantos anos. A nossa vida é cheia de dificuldades, lutamos um ano inteiro nas lides agrícolas, lutamos dois, três, toda a nossa vida e não obstante a nossa dedicação e interesse nessa luta chegamos ao fim desses anos da nossa vida com uma situação complicada, isto é, com uma dívida às costas, que, na maior parte dos casos, só com a venda das nossas propriedades ou parte delas é que podemos anular por pouco tempo essa dívida.

Lavradores! Só com um governo verdadeiramente democrático os nossos problemas serão completamente resolvidos. Mas se nos unirmos e lutarmos desde já pela melhoria das nossas condições, pelo respeito pelo nosso trabalho, forcemos o governo a nos ouvir e a tomar medidas.

A EMIGRAÇÃO... (cont. da pág.5)

palácios, carros luxuosos, etc.

A emigração dá-se porque não há protecção à família nem económica nem moral.

Onde está a protecção à família que os farsantes salazaristas apregoam?

Lutando unidos podemos vencer as nossas actuais dificuldades.

Lutando unidos somos uma força que vencerá!

